

SOMOS OS MORTOS VIVOS

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Tadeu Alencar Arrais

SOMOS OS MORTOS VIVOS

De como *The Walking Dead* explica
a natureza da cidade e o sentido do
neoliberalismo

LETRAPITAL

Copyright © Tadeu Alencar Arrais, 2022

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de
19/02/1998.*

*Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam
quais forem os meios empregados, sem a autorização prévia e expressa do
autor.*

EDITOR João Baptista Pinto

REVISÃO Rita Luppi

PROJETO GRÁFICO E CAPA Jenyfer Bonfim

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

LETRA CAPITAL EDITORA
Telefax: (21) 3553-2236 / 2215-3781
vendas@letracapital.com.br
www.letracapital.com.br

O capital é trabalho morto que,
como um vampiro, se reanima
sugando o trabalho vivo, e,
quanto mais o suga, mais forte fica.

Karl Marx. *O Capital, Volume 1*, p. 271.

Para evocar os mortos. Ide a um cemitério na noite de sexta-feira, à noite, levando uma vela branca, uma folha de acácia silvestre e uma pistola carregada, e escolhei o túmulo de um homem. Ao chegar, direis: “*Exurgent mortui et acmo venient*. Exijo que o morto venha a mim”. Após ter pronunciado essas palavras ouvireis um trovão; não tenhas medo, e dai um tiro. O morto vos aparecerá logo; não deveis fugir, mas recuar três passos, repetindo três vezes: “Eu te asperjo de incenso e mirra como foi perfumado o túmulo de Astaroth”.

William Seabrook. *A ilha da magia*.
Publicado originalmente em 1928. 1982, p. 195.

Uma das razões pelas quais gosto de escrever aventuras de super-heróis é que entre uma ação nobre e um grande ato de coragem é possível inserir também grandes temas sociais e políticos sem ter o tom de quem quer dar um sermão.

Stan Lee. Apresentação. *HQ Império dos Mortos*. 2015, p. 1.

Para mim, os melhores filmes de zumbis não são aqueles festivais de sangue e violência com personagens estúpidas e piadas idiotas. Os bons filmes de zumbis nos mostram o quanto somos terríveis, nos fazem questionar nossa posição na sociedade... e a posição da nossa sociedade no mundo. Eles também nos mostram sangue, violência e todas essas coisas legais... Mas, nas entrelinhas, sempre há um comentário social e preocupação maior.

Robert Kirkman, *The Walking Dead. Dias passados. Apresentação*. 2006, p. 2.

Sumário

Prefácio.....	9
1. Os zumbis e o apocalipse urbano	17
2. Fugir das cidades: <i>nômades e coletores</i>	23
3. Isolar-se dos zumbis: <i>sedentarismo</i> <i>e divisão do trabalho</i>	33
4. Tornar-se zumbi – <i>Negan e a polis esquecida</i>	43
5. A realização da utopia neoliberal	57
6. Epílogo – “ <i>somos vistos ou vemos?</i> ”	73
7. Referências	81



Prefácio

Escutei do imortal geógrafo Milton Santos, durante a última disciplina que ministrou no programa de pós-graduação em Geografia da Universidade de São Paulo, que o pesquisador e o intelectual podem usar metáforas como forma de expressar seu pensamento e suas reflexões. No entanto, advertiu o geógrafo, as metáforas deveriam vir como consecução e concreção do processo de investigação, ou seja, podemos usá-las após um longo e rigoroso processo de reflexão acerca do que queremos desvendar – se assim não fosse, estaríamos banalizando nossas pesquisas. Os *zumbis* de *The Walking Dead* é uma grande metáfora encontrada por Tadeu Arrais para discutir a natureza da cidade e o sentido do neoliberalismo no mundo real e atual.

No livro que agora chega ao público, Tadeu Arrais arquiteta, a partir de um seriado do *streaming*, a metáfora de um mundo futuro que já está aí, que está em vigência e que, desenvolvido e potencializado, pode chegar ao apocalipse urbano. No apocalipse urbano, homens, mulheres, crianças e idosos, sem exceção, lutam brutalmente para sobreviver. Embora vivamos em uma conjuntura de apocalipse anunciado, com os meios de comunicação informando cada vez com mais ênfase os indícios e efeitos do aquecimento global, da crise climática causada pela “intervenção do homem na natureza”, com secas e enchentes, desertificações e avanço do mar, o apocalipse tratado no texto, que já já os leitores começarão a ler, é o apocalipse social em franco desenvolvimento, derivado de determinado sistema econômico que produziu um determinado modo de vida, tendo as cidades como sua

mais célebre manifestação. A cidade capitalista neoliberal é criadora-criatura de uma massa de *zumbis*. Todos nós somos mortos-vivos. É por isso que o autor avisa: o que mais incomoda nos filmes de *zumbis* é que eles nos colocam diante do espelho. Somos todos mortos-vivos mesmo que uma massa multiforme de trabalhadoras e trabalhadores explorados, expropriados e descartáveis (e despolitizados, amedrontados, acossados...) seja, aparentemente, sua melhor expressão.

Não somos canibais e nem gostamos de comer vísceras com muito sangue, mas vivemos em um tipo de sociedade, concentrada em cidades, cada vez mais individualizada, explorada e exploradora e em estado de estupor social e político. A metáfora dos mortos-vivos, sem alma e sem razão, expõe as vísceras de nossa sociedade sem precisar de heróis ou mesmo antagonistas. Em *The Walking Dead* não encontramos, propriamente, heróis, mas, sim, anti-heróis. Rick Grimes, Negan, Maggie Greene e Carol Peletier são os principais. Tentam salvar a si próprios e a sua comunidade usando a brutalidade como linguagem. Como esquecer do episódio em que Carol é obrigada a matar uma criança viva por ela adorar os mortos?

No neoliberalismo, doutrina econômica parasitária da classe financeira e absolutamente hostil aos pobres, o individualismo é a mola mestra, seguida da produção de desigualdade e miséria para as quais o Estado é agente ativo, por que é, reiteradamente, capturado pelos detentores do poder econômico. Mas em *The Walking Dead* as imagens das hordas de *zumbis* são coletivas e não individuais. Trata-se de uma coletividade que pode ser facilmente dominada e comandada pelos vivos. Metaforicamente, quando se vê as hordas de trabalhadores nas grandes metrópoles (principalmente dentro dos

precarizados e superlotados transportes públicos) pode-se ter a mesma imagem. E até pior, já que os vivíssimos do mundo real possuem uma enorme capacidade de sofrer coletivamente, enquanto os *zumbis* procuram matar sua fome coletivamente. Em *The Walking Dead* os *zumbis* são relativamente fáceis de matar, bem diferente, por exemplo, do que são os *zumbis* dos filmes *Guerra Mundial Z*, *Eu Sou a Lenda* e *Extermínio*. Os mortos-vivos de *The Walking Dead* aproximam-se mais da classe trabalhadora pilhada dos seus direitos, empobrecida, desempregada e desamparada, e, ao mesmo tempo, paralisada, letárgica (porque despolitizada), aterrorizada (pelo desemprego e falta de renda) – vide a paz social que reinou no Brasil durante as reformas destrutivas das Leis Trabalhistas e Previdenciárias recentemente. A letargia e o medo dominam, com ou sem Rivotril (essa epidemia que atinge todas as faixas etárias e classes sociais), uma parte determinante da sociedade.

Os mortos-vivos não estão apenas na cabeça dos produtores de cinema ou do autor deste livro. Os *zumbis* estão no imaginário do povo caribenho, em destaque no Haiti. Trata-se de uma noção real sobre uma sociedade explorada, da colônia aos nossos dias. Os *zumbis* haitianos são os mortos-vivos que trabalham como escravos após serem ressuscitados por ritual de feitiçaria *vodu*. Uma poção elaborada por feiticeiros deixaria em estado de quase morte quem as toma, sendo que, ao terminar o seu efeito, a vida biológica retorna a pleno vapor, porém, na social condição de escravo de quem supostamente teria ressuscitado o morto agora vivo. Muita gente foi sepultada e depois desenterrada viva no Haiti... Cientistas britânicos e americanos estudaram a poção que é produzida à base de veneno extraído do peixe baiacu para desvendar os mistérios que rondam os mitos haitianos.

Muitas histórias de *zumbis* são contadas desde o período colonial na nação mais pobre da América Latina. Mas os *zumbis* tratados por Tadeu Arrais não precisam de poção mágica para se transformarem em mortos-vivos, pois é o sistema socioeconômico metabólico no qual vivemos que vem transformando as sociedades em hordas de mortos-vivos.

Não há como não comparar a *zumbilândia* que vem se formando, fruto do encontro da cidade com o neoliberalismo, sem assemelhá-la com o mercado financeiro, com seu modo de funcionamento, seus objetivos e seus efeitos muito mais danosos que poções *vodus*. Nesse caso, os engravatados de “Wall Street”, ou em sua versão menos glamorosa, os “Faria Limers” paulistanos, também são *zumbis* (afinal o título do livro provoca que somos todos mortos-vivos). Talvez estes sejam mais *zumbis* que a classe trabalhadora; não é por menos que Robert Kurtz chamou as bolsas de valores de “cassino zumbi global”. Como escreveu Tadeu Arrais, “zumbis não têm personalidade, alma, e muito menos emotividade e, portanto, não se encaixam no quadro de antagonistas carismáticos. Não são movidos por dilemas morais quando atacam suas vítimas”. Assim, pode existir uma distinção entre os *zumbis* do mundo real. O corretor financeiro, o gestor de fundos, os donos do dinheiro são entes parasitários (o Santuário comandado por Negan é a melhor expressão no seriado, enquanto a família Roy, da série *Succession* ou Bobby Axelrod, de *Billions* são também “belos” exemplos); enquanto a classe trabalhadora são entes parasitados (os protagonistas dos últimos filmes de Ken Loach, *Eu, Daniel Blake* e *Você não estava aqui*, são mais do que exemplos ficcionais). Todos em estado de mortos-vivos, os primeiros mais vivos, o segundo mais mortos, talvez. No nosso mundo tangível, uns estão

acostumados a ganhar (vejam o sistema monetário de crédito) e outros a perder (vejam a classe trabalhadora no mundo). O que se produziu é uma separação radical, um apartamento social com um abismo crescente. Aliás, uma falha do seriado é que os sobreviventes tentam a todo momento criar muros para sua comunidade sempre em formação e sempre em risco, porém esses muros já existem nas cidades dos condomínios. A separação por muros já estava erguida, facilmente visíveis na paisagem da maioria das cidades. Os *zumbis* parasitários se afastando (excluindo-se) dos *zumbis* parasitados.

Em *The Walking Dead* há uma empatia dos vivos com os mortos. Sempre quando alguém morre, destrói-se rapidamente seu cérebro para que ele não viva o martírio de se tornar um *zumbi*. No mercado financeiro e muitas outras formas de capitalismo não há essa empatia. O dilema moral de Carol, que teve que matar uma criança viva que passou a amar os *zumbis* – amar tanto que tirou a vida da própria irmã para transformá-la em morta-viva –, pode ser um dilema pouco presente na sociedade concorrencial financeira, em um sistema socioeconômico de competição sem dilemas éticos ou morais. Nesse sistema, destroçar o(s) outro(s) é condição de sucesso. No seriado, quando os *zumbis* passam a ser apenas uma ameaça e não a grande ameaça, a guerra e o assassinato entre os vivos/sobreviventes passa ser a regra, em uma disputa por território (e recursos). A condição de sobrevivência nesse mundo apocalíptico é fazer desaparecer o outro. Nada novo ao mundo do capital se substituirmos os assassinatos em série pela exploração do trabalho, pelo sistema de crédito/juros especulativo e pelo rentismo (que, por sinal, também assassina, porém mais devagar e sem espetacularização).

A formação da cidade capitalista e a assunção do neoliberalismo vêm construindo um espaço urbano de mortos-vivos. A precarização do trabalho já precário, a dramaticidade das formas de habitação e a destruição da seguridade social a cargo do Estado constroem uma paisagem com *zumbis* perambulando tanto no bairro Skid Row em Los Angeles, nas favelas do Rio de Janeiro ou Cidade do México, na cracolândia em São Paulo, como na Quinta Avenida em New York ou em *shopping-centers* espalhados pelo globo terrestre. Luiz Gonzaga Belluzzo cita em texto na revista *Carta Capital* (nº 1.201, março de 2022) uma pesquisa da Universidade Johns Hopkins que concluiu que depressão grave, transtorno bipolar, esquizofrenia, transtorno obsessivo-compulsivo estão entre as principais causas da incapacidade na sociedade americana. A pesquisadora chefe da investigação, Lynn Parramore, é categórica: “Mesmo antes da pandemia, mais de um quarto dos adultos americanos era acometido por transtorno mental. Em 2020, as taxas globais de depressão e ansiedade subiram mais de 25%, devastando especialmente mulheres e jovens. Médicos americanos declaram estado de emergência para as crises de saúde mental entre crianças. E todo esse sofrimento mental alimenta doenças físicas...”.

Talvez seja por essa razão que hoje em dia os filmes e seriados de *zumbis* ocupam mais espaço nos canais de TV e cinemas do que os produtos audiovisuais de vampiros, lobisomens, frankensteins e monstros. Como Karl Marx usou de forma certa a noção de vampiro para definir o capital, será que ainda tem validade esta metáfora? Parece que ela vem perdendo força e que a noção de *zumbi* encaixa mais e melhor. O capital não precisaria mais da racionalidade, inteligência e sedução do vampiro. Agora, é um rolo compressor sem mediações

estratégicas que dilacera sociedades, principalmente as frações economicamente mais frágeis (“passar a boiada” sobre povos e a natureza tornou-se política pública no Brasil contemporâneo). O capital de hoje é mais sanguinolento que outrora – deve ter sido por isso que Saskia Sassen intitolou seu último livro de *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*.

Tadeu Arrais amarrou esses elementos ficcionais de *The Walking Dead* ao desenvolvimento das cidades e ao desenvolvimento do neoliberalismo. Teoriza, um pouco ao estilo de Zizek ou Eagleton, tentando explicar por fatos (ou cenas), profundos ou banais, a natureza e o sentido do mundo em que grande parte da humanidade aparenta estar fadada a viver. O autor não fica apenas buscando exemplos de ficção para espelhá-la na realidade e vice-versa. Ele teoriza, analisa por cima e por baixo. Ele aprofunda a metáfora dos *zumbis* à ordem social em franco desenvolvimento contraditório e amedrontador. Na parte mais otimista da análise aparece a política... E para deixar a condição de mortos-vivos devemos voltar à política.

Ler o livro certamente atizará aqueles que não viram a assistir o seriado, mas atizará bem mais o olhar para a cidade, para o sistema econômico e para a sociedade na qual vivemos.

Prof. Dr. Marco Antonio Mitidiero Junior

Direto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde sou professor. Universidade sob intervenção e golpeada por um reitorado ilegítimo, incompetente e destrutivo. Estamos aqui, professores, discentes e funcionários como *zumbis*, assistindo (e alguns contribuindo) para a destruição dessa linda universidade.